

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS  
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

**DEBORA PRATA DA PAZ**

**ETNOCONHECIMENTO SOBRE A PESCA NA COMUNIDADE SIMÃO, SATERÉ  
MAWÉ, ÁREA INDÍGENA DO MUNICÍPIO DE BARREIRINHA, AMAZONAS**

**PARINTINS  
2025**

**DEBORA PRATA DA PAZ**

**ETNOCONHECIMENTO SOBRE A PESCA NA COMUNIDADE SIMÃO, SATERÉ  
MAWÉ, ÁREA INDÍGENA DO MUNICÍPIO DE BARREIRINHA, AMAZONAS**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, Centro de Estudos Superiores de Parintins, como requisito para a obtenção de nota na disciplina – TCC IV. Sob orientação do professor Dr. Adailton Moreira da Silva.

**PARINTINS**

2025

### Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
**Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.**

348e PAZ, DEBORA PRATA DA  
ETNOCONHECIMENTO SOBRE A PESCA NA COMUNIDADE  
SIMÃO, SATERÉ MAWÉ, ÁREA INDÍGENA DO MUNICÍPIO DE  
BARREIRINHA, AMAZONAS / DEBORA PRATA DA PAZ . Manaus  
: [s.n], 2025.  
45 f.: color.; 21,0 cm.

TCC - Graduação em Ciências Biológicas- Licenciatura-  
Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2025.  
Inclui Bibliografia.  
Inclui Anexo.  
Orientador: ADAILTON MOREIRA DA SILVA.

1. Amazônia. 2. Pesca. 3. Sateré-Mawé. 4. Etnoconhecimento. I.  
ADAILTON MOREIRA DA SILVA (Orient.) II. Universidade do  
Estado do Amazonas. III. Título


CDU(1997)57

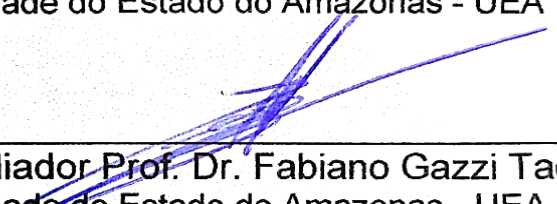
**DEBORA PRATA DA PAZ**

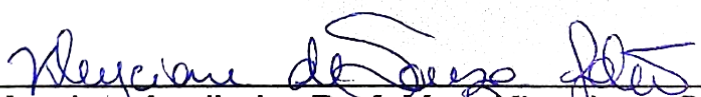
**ETNOCONHECIMENTO SOBRE A PESCA NA COMUNIDADE SIMÃO, SATERÉ  
MAWÉ, ÁREA INDÍGENA DO MUNICÍPIO DE BARREIRINHA, AMAZONAS**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, Centro de Estudos Superiores de Parintins, como requisito para a obtenção de nota na disciplina – TCC IV. Sob orientação do professor Dr. Adailton Moreira da Silva.

**BANCA EXAMINADORA**

  
\_\_\_\_\_  
Presidente/Orientador Dr. Adailton Moreira da Silva  
Universidade do Estado do Amazonas - UEA

  
\_\_\_\_\_  
Membro Avaliador Prof. Dr. Fabiano Gazzi Taddei  
Universidade do Estado do Amazonas - UEA

  
\_\_\_\_\_  
Membro Avaliador Prof. Msc. Kleydiane Galúcio  
Secretaria Estadual de Educação do Estado do Amazonas -  
SEDUC - AM

## AGRADECIMENTOS

A Tupanã (Deus), por me dar forças para viver e por me mostrar os caminhos da vida, pelas bênçãos recebidas, que nunca largou a minha mão nos momentos em que eu mais preciso do seu amor. E por ter proporcionado a realização desse objetivo que por muitas vezes pensei em desistir, mas que para Ele nada é impossível.

Ao meu orientador Prof. Dr. Adailton Moreira da Silva, que por inúmeras vezes compartilhou os seus conhecimentos nas orientações, seu tempo para que pudéssemos construir esta monografia e pela paciência. Morohekawu kahato, puruwei (muito obrigada, professor).

A esta universidade, juntamente com a direção, técnicos, administração, seu corpo docente que fazem um belíssimo trabalho.

Aos meus familiares, principalmente aos meus pais Jucimar Batista e Deise Miquiles que desde início dessa luta acreditaram em mim e que estiveram do meu lado todos esses anos que estive longe deles, nos momentos bons e difíceis dessa caminhada que tive que percorrer, que apesar das dificuldades que enfrentamos me ajudaram a realizar esse objetivo, por meio de cuidado, amor incondicional e financeiramente, valeu a pena cada conselho que me deram waku sese ui'ywot in, e meus irmãos Max Dione, Juci Deise, Deibian, Yaneires, Vaneise, Juciê e Matheus Vinicius que me ajudaram e que sempre estiveram comigo direta e indiretamente nessa luta. A minha família do coração, Luci Elza, Gabriel Brandao, Ivan, Gabriel filho, Maria Gabriela, Dona Maria Ednelza e seo Ivan Brandão (*in memorian*) que também me deu apoio, pela educação que me deram, oração e por sempre acreditarem em mim.

Agradeço a minha amada avó Bibiana Batista (*in memorian*), por ser meu exemplo maior como mulher guerreira e mãe, por sempre acreditar no potencial dos filhos e netos e meu avô Francisco Aristides (Chico sabe tudo) (*in memorian*), que me falava que eu iria conseguir realizar esse sonho por eu ser uma haryporia do clã wasa'i, que sempre serei orgulho dele.

Agradeço também as pessoas maravilhosas que eu pude conhecer durante esses anos, Kelly Anny, Anna Jennifer, Thaiara Rocha, Luciano Canto, Andreza, Alexandre Tyson, David Buás, Patrick Brito, Kelen Lopes, Gracy Lago.

Agradecer imensamente a todos da comunidade Simão que contribuíram nessa pesquisa, principalmente aos entrevistados e ao tuxaua da referida comunidade que autorizou a realização desta pesquisa.

WAKU SESE!

## RESUMO

Este estudo tem como objetivo evidenciar o Etnoconhecimento sobre a pesca na comunidade Simão Sateré Mawé, área indígena do município de Barreirinha, Amazonas. Nesse sentido, abordou-se o contexto histórico e social que corroboram para essa resistência cultural. O trabalho descreve uma especificidade dos povos indígenas na comunidade. O modo de vivência expressa, assim como em outras localidades, uma grande riqueza e meios de adaptação para a sobrevivência. Os métodos e armas naturais de caças e pesca variam e se aprimoram de acordo com as necessidades. Há uma variação nos apetrechos elaborados por indígenas que os auxiliam nesses afazeres. Buscou-se por delimitar em apenas três que são: timbó, arco e flecha e o kakurí. Compreende-se que a atividade de pesca praticada por pescadores da comunidade é destinada, principalmente, à alimentação própria e de suas famílias. Dentro desses aspectos, evidenciar e caracterizar os métodos utilizados para a captura dos peixes se tornam de grande importância na preservação e valorização do Etnoconhecimento dos povos indígenas tradicionais, onde é possível relacionar esse com o conhecimento científico registrados em artigos na literatura.

**Palavras-chave:** Amazônia, Pesca, Sateré-Mawé, Etnoconhecimento.

## **ABSTRACT**

This study aims to highlight the ethno-knowledge about fishing in the Simão Sateré Mawé community, an indigenous area in the municipality of Barreirinha, Amazonas. In this sense, the historical and social context that corroborates this cultural resistance was addressed. The work describes a specificity of the indigenous peoples in the community. The way of life expresses, as in other locations, great wealth and means of adaptation for survival. The methods and natural weapons of hunting and fishing vary and are improved according to needs. There is a variation in the equipment made by indigenous people that helps them in these tasks. We sought to delimit them into just three: timbó, bow and arrow and kakurí. It is understood that the fishing activity practiced by fishermen in the community is mainly intended for their own food and that of their families. Within these aspects, highlighting and characterizing the methods used to capture fish become of great importance in preserving and valuing the ethnoknowledge of traditional indigenous peoples, where it is possible to relate this to the scientific knowledge recorded in articles in the literature.

Key-words: Amazon, Fishing, Sateré-Mawé, Ethnoknowledge.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Foto (A) e mapa de localização (B) da comunidade Simão, município de Barreirinha, estado do Amazonas. ....	20
<b>Figura 2:</b> Fotos ilustrativas da comunidade (A, B, C, D, F e H), da bandeira (E) e de um dos fundadores o tu'isa Donato Lopes da Paz (G).....	21
<b>Figura 3:</b> Aplicação do questionário (A, B e C) utilizado na entrevista sobre Etnoconhecimento da pesca na comunidade do Simão. ....	23
<b>Figura 4:</b> Questionário utilizado na entrevista sobre Etnoconhecimento da pesca na comunidade do Simão. ....	24
<b>Figura 5:</b> Descrição bilíngue das estruturas do Cichla sp. (tucunaré).....	31
<b>Figura 6:</b> pesca com arco e flecha (A e B). ....	32
<b>Figura 7:</b> Preparação do timbó (A e B), pesca (C) e coleta dos peixes (D). ....	34
<b>Figura 8:</b> Kakurí. ....	36

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1:</b> Anatomia dos peixes traduzida para a língua Sateré Mawé.....	30
<b>Tabela 2:</b> Principais característica e eficácia da utilização das diferentes técnicas. ....	37

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>1 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	12
<b>2 OBJETIVOS</b> .....	19
2.1 OBJETIVO GERAL.....	19
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	19
<b>3 MATERIAL E MÉTODOS</b> .....	20
3.1 LOCAL DA PESQUISA .....	20
3.2 TIPO DE PESQUISA.....	21
3.3 COLETA DE DADOS .....	22
<b>3.3.1 Métodos de coleta</b> .....	22
<b>3.3.2 Tratamento e análises de dados</b> .....	24
<b>4. RESULTADOS E DISCUSSÕES</b> .....	25
4.1. HISTÓRIAS OU TRADIÇÕES SOBRE A PESCA.....	25
4.2. ESCOLHA DOS LUGARES E MOMENTO/HORA PARA PESCAR.....	26
4.3. RITUAIS OU PRÁTICAS QUE REALIZA ANTES, DURANTE OU DEPOIS DA PESCA.....	26
4.4. TIPOS E DENOMINAÇÃO DOS PEIXES MAIS PESCADOS .....	27
4.5. ENTEDIMENTO SOBRE O POR QUÊ DOS PEIXES ESTAREM DESAPARECENDO.....	28
4.6. TÉCNICAS TRADICIONAIS DE PESCA UTILIZADAS NA COMUNIDADE .....	28
4.7. TRANSMISSÃO DOS SABERES SOBRE A PESCA ENTRE GERAÇÕES .....	29
4.8. NOMES DAS PARTES DO CORPO DO PEIXE NO DIALETO INDÍGENA .....	30
4.9.1 Arco e flecha.....	32
4.9.2 Timbó .....	33
4.9.3 Kakurí.....	35
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>38</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>39</b>
<b>ANEXO 01</b> .....	<b>43</b>
<b>ANEXO 02</b> .....	<b>44</b>
<b>ANEXO 03</b> .....	<b>45</b>

## INTRODUÇÃO

O conhecimento baseia-se muito mais por evidências que podem ser corroboradas ou refutadas do que experiências pessoais, crenças e demais saberes que não utilizam métodos sistemáticos de comprovação científica, como por exemplo, os saberes tradicionais de povos originários. No entanto, não podemos descartar a utilidade desses conhecimentos, pois é através deles que iniciamos o processo científico. Assim, valorizar os saberes tradicionais dos povos, sejam eles ribeirinhos, quilombolas ou indígenas contribui para a evolução do conhecimento (Souza, 2022). Desse modo surge a necessidade de se abordar temas que valorizem os povos originários e que evidenciem seus saberes e suas memórias.

Os Sateré-Mawé fazem parte de uma etnia indígena que habita a floresta tropical entre o Amazonas e o Pará e integra a família linguística tupi-guarani. É possível que, no século XVII, eles ocupassem vastos territórios do planalto e das margens do rio Tapajós. Com o avanço colonial, migraram na direção das cabeceiras dos rios Andirá, Araticum, Abacaxis e Uraríá (Pereira, 2003).

O modo de vivência dos povos indígenas que habitam a comunidade Simão, Sateré Mawé, localizada no município de Barreirinha, interior do estado do Amazonas, expressa, assim como em outras, uma grande riqueza e meios de adaptação para sobrevivência. Na comunidade, encontra-se uma variedade de métodos e armas que eles fabricam e utilizam principalmente para a caça e pesca e que são aprimoradas de acordo com as necessidades.

Os métodos e armas utilizados pelos povos originários surgem com a necessidade de sobrevivência, bem como no início das civilizações. As armas variam de tamanhos, espessuras, formas e são pensadas e produzidas para momentos específicos, ou seja, há tanto para caças terrestre quanto aquáticas. Tastevin (2008) destaca três métodos e armas naturais utilizadas pelos povos originários: o timbó, o arco e flecha e o kakurí.

Diante disso, este estudo buscou evidenciar o Etnoconhecimento sobre a pesca na comunidade Simão Sateré Mawé, com base nas experiências pessoais e acadêmicas do autor, cuja origem é da própria comunidade.

Portanto, o objetivo geral dessa pesquisa tratou em caracterizar o etnoconhecimento sobre a pesca na comunidade Simão Sateré Mawé, área indígena do município de Barreirinha, Amazonas. E nesse sentido, abordamos o contexto histórico e social que corroboram para essa resistência cultural.

A realização da pesquisa proporcionou um olhar para o Etnoconhecimento dos povos originários, pois eles carregam em si uma sabedoria que os diferem de outras sociedades.

## 1 REFERENCIAL TEÓRICO

A cultura das etnias indígenas é mantida por seus representantes e vale ressaltar que há uma pluralidade de povos, cada um com seus costumes, crenças, culinárias, saberes e tradição. Para que se possa embarcar nesta pesquisa é necessário conceituar os pontos fundamentais que norteiam esses estudos (Martins, 2024).

A cultura vem ser um fator fundamental que nos leva a compreensão desta pesquisa. Para que possamos compreender os modos de vida dos povos indígenas, é fundamental compreender a cultura como uma característica social e histórica (Souza *et al.*, 2024).

Antes de conceituar é importante que se faça uma abordagem cronológica onde foram evidenciados os processos da cultura no nosso país. A cultura brasileira é uma rica tapeçaria de influências e tradições que se entrelaçam desde os primórdios da formação do país até os tempos atuais. A diversidade cultural do Brasil é fruto de um complexo processo histórico que inclui a herança indígena, a colonização portuguesa, a influência africana e as ondas de imigração europeia, asiática e do Oriente Médio (Ribeiro, 2009)

Se realizar uma linha do tempo antes da chegada dos europeus, o território que hoje corresponde ao Brasil era habitado por uma vasta diversidade de povos indígenas, cada um com sua própria cultura, língua e organização social. Esses povos expressavam suas manifestações culturais por meio de rituais, danças, músicas e artefatos socioculturais. A espiritualidade e a conexão com a natureza eram centrais em suas vidas, influenciando profundamente suas crenças e práticas cotidianas (Rodrigues *et al.*, 2017).

A chegada dos portugueses ao Brasil em 1500 marcou o início de um processo de colonização que transformou profundamente o território e seus habitantes. A imposição da língua portuguesa, da religião católica e dos costumes europeus alterou drasticamente as sociedades indígenas, enquanto a partir do século XVI, milhões de africanos foram trazidos como escravos, moldando a demografia e a cultura do país (Schwarcz, 2015).

A cultura afro-brasileira, um legado de milhões de africanos escravizados, é um pilar fundamental da identidade nacional. Ela se manifesta em expressões artísticas como a música, a dança, a culinária e as religiões, notadamente o candomblé e a umbanda, que são exemplos vivos do sincretismo religioso. A valorização dessa herança cultural tem sido um processo crescente na contemporaneidade, com movimentos que buscam resgatar e celebrar a diversidade e a riqueza das raízes africanas no Brasil (Gomes, 2017).

Após essa abordagem destaca-se alguns aspectos e conceitos acerca do termo cultura. Ao longo da história diversos autores abordam estudos sobre a cultura, uma vez que esta se demonstra como um universo e apresenta vários caminhos de interpretação (Formiga *et al.*, 2024).

Segundo Laraia (2001, p. 16) a cultura é considerada como sendo todo o comportamento aprendido, tudo aquilo que independe de uma transmissão genética, nesse sentido, compreendemos a cultura como um fator de interação social e não como um resultado genético ou biológico. O autor ainda destaca que “o homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridas pelas numerosas gerações que o antecederam” (Laraia, 2001, p. 24).

Ou seja, a cultura é transmitida e inserida no convívio social, nas comunidades, no coletivo e é a partir disso que se mantém e ocorre a contínua resistências culturais. A cultura indígena, que estão em nossos estudos, é um tesouro de sabedoria ancestral, rica em diversidade e profundidade.

A relação dos povos indígenas com a terra transcende a mera posse física, sendo um vínculo espiritual e ancestral. A terra é compreendida como um ser vivo, fonte de vida e sabedoria, e suas práticas culturais, como rituais, cantos e danças, são expressões dessa cosmovisão única. A transmissão oral de conhecimentos, de geração em geração, garante a preservação de histórias, mitos e tradições, mantendo viva a memória coletiva e a identidade cultural (Almeida, 2010).

A organização social dos povos indígenas, pautada na reciprocidade e na valorização do bem comum, contrasta com a lógica individualista da sociedade ocidental. Suas línguas, verdadeiros repositórios de saberes ancestrais, expressam uma profunda conexão com a natureza e o cosmos. A preservação dessas línguas e culturas é fundamental para a manutenção da diversidade cultural e biológica do planeta. É urgente que os Estados reconheçam e garantam os direitos territoriais e culturais dos povos indígenas, assegurando sua autonomia e o respeito às suas formas de vida (Souza, 2019).

O etnocentrismo é evidenciado em livros, na mídia, na escola e em todos os lugares. Prevalece sempre a cultura do dominante, onde este promove em massa elementos para que a sua cultura seja reproduzida. Segundo Laraia (2001, p. 38) “o etnocentrismo, de fato, é um fenômeno universal. É comum a crença de que a própria sociedade é o centro da humanidade,

ou mesmo a sua única expressão. As autodenominações de diferentes grupos refletem este ponto de vista”.

É nesse sentido, de demonstrar o Etnoconhecimento dos povos indígenas, que se embarca esta pesquisa, a fim de evidenciar seus saberes e conhecimentos tradicionais que atravessam séculos e servindo como história, ciência e tecnologia. Pesquisar e divulgar os saberes e tecnologias criadas pelos povos originários é de grande importância para fortalecer a luta que enfrentamos diariamente. Ainda na contemporaneidade, os indígenas ainda são denominados como povos atrasados ou “não civilizados”. É importante destacar que cada povo vive à sua maneira e sobrevive com seus costumes, crenças e saberes.

No Brasil o processo de colonização adotado ao longo de sua história oficial propiciou que muitas etnias fossem extintas ou incorporadas na sociedade – ou seja, perderam suas raízes e identidades. Restam na contemporaneidade cerca de 220 povos originários com aproximadamente 800 mil pessoas ao todo (Pereira *et al.*, p. 18, 2021).

O discurso colonialista, ao classificar os povos indígenas como 'não civilizados', buscava justificar a invasão e a exploração de seus territórios. Essa dicotomia entre 'civilizados' e 'bárbaros' serviu para deslegitimar as culturas e os modos de vida indígenas, impondo a cultura europeia como modelo superior. No entanto, os povos indígenas resistiram e continuam resistindo a essa imposição, mantendo vivas suas tradições e lutando por seus direitos (Karam, 2010).

Nesta pesquisa pretende-se demonstrar os métodos de caças utilizados por moradores de uma comunidade indígena. Os métodos de caças surgem a partir das necessidades de sobrevivências e é uma herança cultural identitária. O Etnoconhecimento é abordado como um viés que permite visualizar estas heranças ancestrais de um povo que sofre por pressões de classes dominantes. Para os autores Pereira *et al.* (2021, p. 21),

Ao estudarmos as territorialidades dos povos tradicionais e populações originárias devemos entender que existe a necessidade de mergulharmos profundamente nos fenômenos e elementos de suas culturas, de seus valores constituídos, de suas relações estabelecidas pessoais e coletivas que partilham territorialidades plenas de marcas singulares de cada povo, dos seus entendimentos sobre a natureza, as plantas, os animais etc.

Realizar um estudo com esta profundidade na comunidade indígena não se apresenta como uma dificuldade, visto que a autora faz parte e pertence ao povo onde foi realizada a pesquisa. Buscar evidenciar as práticas e modos de vivências dos comunitários se apresenta mais do que uma pesquisa, pois são histórias e memórias que serão apresentadas para academia e sociedade.

O Etnoconhecimento, compreendido como o conjunto de saberes tradicionais transmitidos oralmente e por meio de práticas culturais, desempenha um papel crucial na conservação da biodiversidade e na promoção da sustentabilidade. Esses saberes, que abrangem o uso de recursos naturais, técnicas agrícolas e práticas medicinais, são fundamentais para a segurança alimentar e o bem-estar das comunidades tradicionais. Além disso, o reconhecimento e a valorização do Etnoconhecimento contribuem para a proteção dos direitos culturais e territoriais dessas comunidades, fortalecendo sua autonomia e identidade (Diegues, 1996).

Para Miranda (2007, p. 3) “são conhecimentos dinâmicos que se encontram em constante processo de adaptação, com base numa estrutura sólida de valores, formas de vida e crenças míticas, profundamente enraizados na vida cotidiana dos povos”. Como já foi mencionado os saberes são ensinados e adaptados conforme as necessidades. No que se refere aos objetivos do presente estudo, que são os métodos tradicionais da pesca na comunidade, pretende-se identificar como estes conhecimentos têm suas influências no contexto sociocultural.

Assim pretende-se evidenciar acerca dos materiais e armas tradicionais que são utilizados na comunidade indígena. Na realidade atual, as comunidades indígenas recebem o impacto da globalização e urbanização. Muitas destas abandonam seus costumes, crenças, culinária pela grande influência do processo capitalista. E, muitas vezes, são afetadas ecologicamente tendo seus rios e matas destruídos. Sendo um fator considerável neste afastamento dos indígenas da sua cultura.

Ainda há aquelas, que mesmo com esse impacto, vivenciam, praticam e ensinam para novas gerações a importância e necessidade de utilizar esses métodos. “O modelo de pesca artesanal, também chamada de pesca tradicional, caracteriza-se por ser praticada em pequenos núcleos familiares, que vivem nas comunidades e tem em sua cultura, crença e religião uma forte ligação com o ambiente natural” (Pantoja *et al.*, 2021, p. 138).

A análise etnoarqueológica das tecnologias de pesca indígenas revela a sofisticação dos conhecimentos tradicionais, que englobam desde a seleção de materiais e técnicas de

construção de artefatos até o domínio de complexas estratégias de captura. A valorização desses saberes, frequentemente negligenciados pela ciência ocidental, é fundamental para a construção de um diálogo intercultural e para a ampliação de nossas perspectivas sobre a tecnologia e a sustentabilidade (Neves, 2008).

A forma como os povos indígenas se relaciona com o meio ambiente revela um profundo conhecimento sobre a fauna e a flora local, resultando em tecnologias de sobrevivência adaptadas aos ecossistemas em que vivem. Em comunidades com menor contato com a sociedade industrializada, a pesca, a caça e a coleta de frutos e raízes são atividades essenciais para a segurança alimentar e a manutenção da saúde. Os rios, as florestas e outros recursos naturais são a base da vida dessas comunidades, fornecendo alimentos, materiais para construção e outros elementos essenciais para a sua sobrevivência (Almeida, 2005).

Os três métodos: o timbó, kakurí e arco e flecha, são indispensáveis na comunidade, no ambiente familiar e na história e memória de cada um. Os métodos ocorrem de forma natural, sem causar danos a natureza e, para além disso, são usados para adquirir a alimentação necessária para a família, sem comprometer o processo dinâmico do ambiente natural.

Ao contrário das técnicas industriais de pesca, que visam a captura massiva e indiscriminada, os métodos tradicionais indígenas se baseiam no respeito aos ciclos naturais e na gestão sustentável dos recursos. A pesca é realizada em épocas específicas do ano, quando os peixes estão em maior abundância, e são selecionadas as espécies e os tamanhos adequados para o consumo, garantindo a reprodução e a manutenção dos estoques pesqueiros (Begossi, 2004).

Para Valentini e Campos (2022) a pesca é vista como uma prática cultural significativa na vida das comunidades indígenas, sublinhando que sua importância vai além da simples obtenção de alimento. A pesca é apresentada como um ritual repleto de significado, que está profundamente enraizado na cosmologia e nas tradições dessas sociedades. Isso implica que a pesca não é apenas uma atividade econômica ou de subsistência, mas também uma prática cultural e espiritual que reflete os valores, os conhecimentos e as crenças dos povos indígenas.

Nesse sentido, compreender que a pesca é uma forma de expressão cultural que deve ser compreendida e respeitada em seu contexto mais amplo, valorizando o aprendizado e o respeito envolvidos nesse ritual. Pois, não é somente um meio de sobrevivência é também um importante marco de cultura e memória viva dos antepassados (Valentini; Campos, 2022).

A relação dos povos originários com o ambiente é respeitosa, o que se pode refletir sobre a importância e a valorização dos saberes tradicionais, seja sobre usos, costumes, tradições e tecnologias. Esses conhecimentos podem contribuir nas estratégias e ações para conservação do ambiente (Souza *et al.*, 2015).

Santos e Santos (2005) apontam que entre 1950 e 1970, a pesca na Amazônia passou por uma transformação significativa devido à adoção de novas tecnologias. A introdução de equipamentos de alta capacidade de captura feitos com fibras de nylon, o uso de motores a diesel em embarcações e o aumento na produção de gelo, aliados à expansão da pesca comercial, marcaram uma ruptura importante nos padrões tradicionais.

Destaca-se que esses avanços foram impulsionados por planos governamentais, que buscaram modernizar a atividade pesqueira e aumentar a sua eficiência, resultando em um impacto profundo nas práticas e na economia da região. Desse modo, os mais prejudicados são as comunidades tradicionais, as famílias que habitam e utilizam a pesca como uma necessidade básica de sobrevivência. Segundo Mendonça e Valencio (2008, p. 108):

Podemos suspeitar que o limite da fronteira entre a tradição e a modernidade seja bastante nítido, no que indica que as estratégias de suplantação de uma pela outra sejam fáceis e lineares. Mas, ao contrário, são limites tênues. Os riscos intrínsecos desta transformação são pouco considerados uma vez que a matriz de escolha racional e objetiva ainda crê na possibilidade de controlar os resultados das modificações geradas a partir dos benefícios prometidos pela modernidade.

Compreende-se assim, que a complexidade da transição entre a tradição e a modernidade, destacando a falsa percepção de que essa fronteira é clara e que as estratégias para suplantar a tradição pela modernidade seriam simples e diretas. No entanto, esses limites são, na verdade, tênues e que os riscos envolvidos nessa transformação são subestimados, sendo necessário que se considere adequadamente os riscos desse processo.

Na visão da modernidade, as tradições, incluindo práticas como a pesca como trabalho e modo de vida, perderam sua relevância e eficiência no contexto do desenvolvimento humano. Esse ponto de vista implica que as práticas tradicionais não contribuem mais significativamente para o progresso e a evolução da sociedade contemporânea (Mendonça; Valencio, 2008).

Assim, essa perspectiva pode ser vista como limitada, pois desconsidera o valor cultural, social e sustentável que essas tradições ainda podem oferecer, especialmente em

comunidades que dependem da pesca não apenas economicamente, mas também como parte integral de sua identidade e patrimônio cultural.

Ainda, Mendonça e Valencio (2008) destacam que a percepção da pesca artesanal como uma atividade exploradora de recursos naturais, ou seja, de recursos silvestres, e a consequente associação dela com a degradação ambiental. A narrativa aponta que esta visão é compartilhada por diversos setores, incluindo políticos e acadêmicos, que consideram a pesca artesanal como uma fonte de impacto negativo ao meio ambiente. Santos e Santos (2005, p.167) definem a pesca de subsistência como:

Desenvolvida por pescadores ribeirinhos e destinada à sua alimentação e à de seus familiares. Quando bem-sucedida, parte da produção pode ser vendida a intermediários ou em feiras das vilas mais próximas. Trata-se de uma atividade difusa, praticada por milhares de pessoas e, por isso, sua produção é difícil de ser quantificada. É também muito expressiva do ponto de vista cultural, por ser uma atividade comumente praticada por gente de ambos os sexos e de todas as idades e categorias sociais.

Nesse sentido, a pesquisa do presente estudo se desenvolve nessas perspectivas, tecendo reflexões nesses modos tradicionais que valorizam a cultura e memória dos povos tradicionais. Compreende-se que a atividade de pesca praticada por pescadores da comunidade, é destinada principalmente à alimentação própria e de suas famílias. Dentro desses aspectos, procura-se evidenciar os métodos utilizados para a captura dos peixes e a caracterizar sua importância na preservação e valorização do Etnoconhecimento dos povos tradicionais.

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 OBJETIVO GERAL**

- Caracterizar o Etnoconhecimento sobre a pesca na comunidade Simão Sateré Mawé, área indígena do município de Barreirinha, Amazonas

### **2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Compreender como o ambiente sociocultural influenciam na pesca com métodos e armas tradicionais;
- Identificar os métodos e armas tradicionais utilizados na pesca;
- Descrever as percepções dos pescadores acerca dos métodos e armas tradicionais utilizados por eles;

### 3 MATERIAL E MÉTODOS

#### 3.1 LOCAL DA PESQUISA

Para serem apresentados resultados sólidos e significativos a pesquisa foi realizada na comunidade Simão, localizada na Terra Indígena Andirá-Marau, pertencente ao município de Barreirinha-AM, distante cerca de 89km aproximadamente da cidade de Parintins, estado do Amazonas (figura 1). É importante localizar a comunidade não somente do ponto de vista geográfico, mas também do protagonismo desta como uma comunidade resistente, organizada culturalmente e que mantém suas origens, memórias e histórias vivas.

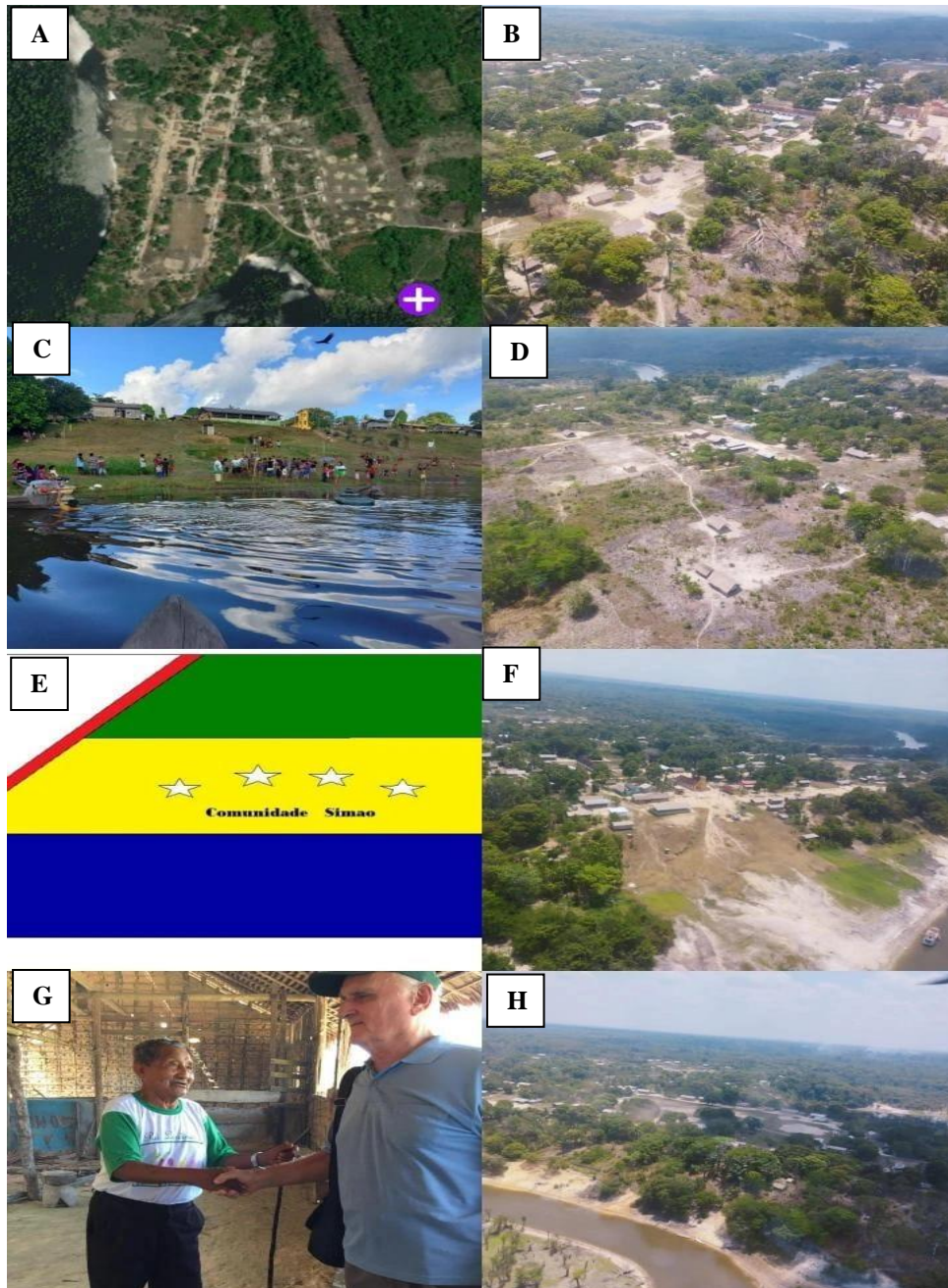
A comunidade foi fundada por quatro irmãos: Germiana da Paz, Laura da Paz, João da Paz e Donato da Paz (figura 2). Não se sabe o exato ano da fundação e nem data, pois os mesmos não eram alfabetizados.

**Figura 1:** Foto (A) e mapa de localização (B) da comunidade Simão, município de Barreirinha, estado do Amazonas.



**Fonte:** Arquivo pessoal (2024).

**Figura 2:** Fotos ilustrativas da comunidade (A, B, C, D, F e H), da bandeira (E) e de um dos fundadores o tu'isa Donato Lopes da Paz (G).



**Fonte:** Arquivo pessoal (2024)

### 3.2 TIPO DE PESQUISA

Esta pesquisa tem por meta alcançar resultados significativos, considera-se a necessidade de uma abordagem qualitativa, pois, segundo Minayo (2014), essa “se preocupa com o nível da realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com universo de significados de motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes”.

E é partindo destas afirmações que essa pesquisa será de caráter fenomenológico. Segundo Garnica (1997), o método desvela o fenômeno, colocando-o a descoberto. Trata-se de desvendar o fenômeno além da aparência, pois este não é evidente de imediato, sendo necessário descortiná-lo. Tal método não se limita a enumeração dos fenômenos, ou a mediação, como no positivismo, mas busca a interpretação para decifrar os sentidos menos aparentes. Nesse sentido, são nas manifestações, externalizações orais e memoriais que esta pesquisa será tecida. Gil (2008) sugere que o pesquisador se preocupe com o que o sujeito oferece, considerando o que está presente em sua consciência, mostrando assim as suas compreensões, interpretações e o que comunica.

### 3.3 COLETA DE DADOS

#### 3.3.1 Métodos de coleta

O estudo foi desenvolvido em etapas distinta. Na primeira etapa, foi realizada a pesquisa bibliográfica sobre o Etnoconhecimento do povo Sateré Mawé, sobre o conhecimento das espécies de peixes presentes nos lagos e rios e técnicas utilizadas na pesca.

Na segunda etapa, foi feita a visita na comunidade com o intuito de aplicar o questionário relacionado aos saberes tradicionais dos indígenas, conhecimentos dos tipos de espécies ali existentes, técnicas e manejo na pesca, tradições, rituais e desaparecimento de algumas espécies.

Para que fossem realizadas as entrevistas foram obtidas autorizações da coordenação da comunidade, das lideranças indígenas locais (Tu'isá) e dos comunitários, deixando-os cientes dos objetivos da pesquisa. Ao todo foram entrevistadas 8 pessoas entre homens e mulheres da referida comunidade.

Na terceira e última etapa foi realizado um acompanhamento de uma pescaria executada por pescadores locais, onde pode-se verificar quais as técnicas e instrumentos utilizados durante a pesca, assim, a diversidade de espécies e suas características com os nomes na língua Sateré Mawé.

#### 3.3.2 Procedimentos

**Primeira etapa:** foram feitas pesquisas bibliográficas relacionadas ao Etnoconhecimento ou saberes populares sobre as espécies de peixes predominantes na região do Amazonas e sobre os indígenas da etnia Sateré Mawé, utilizando sites acadêmicos para obtenção de artigos, monografias e teses relacionadas com o tema abordado na pesquisa.

**Segunda etapa:** este momento foi direcionado aos comunitários (figura 3) visando a obter informações a respeito de suas tradições, rituais, técnicas e manejos na hora da pesca. Para isto, foram feitas 8 perguntas (figura 4) relacionadas ao conteúdo, como: Quais são os rituais ou práticas que você realiza antes, durante ou depois da pesca? Quais são técnicas tradicionais de pesca utilizadas na comunidade? Como são dados nomes específicos para as partes do corpo do peixe no dialeto indígena? Como cabeça, cauda, olho etc.

**Figura 3:** Aplicação do questionário (A, B e C) utilizado na entrevista sobre Etnoconhecimento da pesca na comunidade do Simão.



**Fonte:** Arquivo pessoal (2024).

**Figura 4:** Questionário utilizado na entrevista sobre Etnoconhecimento da pesca na comunidade do Simão.

QUESTIONÁRIO	
Sexo:	
Idade:	
	<ul style="list-style-type: none"><li>• Quais são as histórias ou tradições que você aprendeu sobre a pesca quando era mais jovem?</li><li>• Como você decide os melhores lugares e os melhores momento/hora para pescar, com base no seu conhecimento tradicional?</li><li>• Quais são os rituais ou práticas que você realiza antes, durante ou depois da pesca?</li><li>• Como são chamados os peixes que você mais pesca? Existe mais de um tipo?</li><li>• Estes peixes estão desaparecendo por quê?</li><li>• Quais são técnicas tradicionais de pesca utilizadas na comunidade?</li><li>• Como os saberes indígenas sobre a pesca são transmitidos entre gerações na sua concepção?</li><li>• Como são dados nomes específicos para as partes do corpo do peixe no dialeto indígena? Como cabeça, cauda, olho etc.</li></ul>

**Fonte:** Arquivo dos autores, 2024.

**Terceira etapa:** foram feitas o acompanhamento da pesca com os pescadores locais, onde pode-se verificar as técnicas utilizadas para fazer a captura dos peixes.

### 3.3.2 Tratamento e análises de dados

Esta foi feita através da análise qualitativa. Segundo Oliveira (2008), é um fenômeno retomado, que se caracteriza por ser um processo indutivo que tem como foco a fidelidade ao universo de vida cotidiana do sujeito, estando baseada nos mesmos pressupostos da chamada pesquisa qualitativa. Tais informações estão presentes nos tópicos de resultados e discussões a seguir.

## 4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O Decreto nº 6.861/2009 (Brasil, 2009), que define a organização da Educação Escolar Indígena (EEI) em territórios etnoeducacionais propõe um modelo diferenciado de gestão que visa fortalecer o regime de colaboração na oferta da EEI pelos sistemas de ensino, especificamente no seu art. 1º, onde determina que a EEI seja organizada com a participação dos povos indígenas, observada a sua territorialidade e respeitando suas necessidades e especificidades. Seguindo este pressuposto, foram entrevistadas oito pessoas, sendo 7 pessoas do sexo masculino e 1 pessoa do sexo feminino.

Ao analisar os questionários pode-se observar uma constante nas respostas dos entrevistados, as quais serão apresentadas algumas afirmações impostas pelos mesmo durante as entrevistas.

### 4.1. HISTÓRIAS OU TRADIÇÕES SOBRE A PESCA

Abaixo selecionou-se algumas respostas que são representativas da pergunta 1 e sua tradução em Sateré-Mawé:

Na minha infância e na minha juventude aprendi que a isca é uma atividade de suma importância, porque nós indígenas Sateré-Mawé sempre costumamos pescar peixes de quaisquer tipos e tamanhos com as armas que utilizamos. As armas que mais utilizamos para atividade de pesca, são: arco e flecha, timbó e kakuri.

Todas essas armas aprendi a fazer através da observação junto aos meus pais e parentes confeccionando. Com isso acompanhando a cada momento de pescaria do meu pai, dos amigos e parentes. Assim fui aprendendo a pescar utilizando esses meios para capturar os peixes da região (Batista, 19 anos).

Ui'ywã'i hawyi uhekuru'iwasi hit wywo ahpap atikuap sese wakuat kahato rikat, kat pote urutoria tapy'yiaria sateré mawe ywania urutuwemo pokuap kahato pira kat hap ete, aikotã ko'i pira kat hap ete. Urutupira pytyk po'og wyti mewat wo: mory'a, uku hawyi kakuri wo. Meimewat pira pytyk auka kap wyti ahpap are'at ui'ywot hawyi uiwyria'in tunug hap kapiat hawyi. Mi'i hawyi arehaponik i'atuwemi'u kat hap kape, mi'itã me ahpap pira kat hap ete.

A resposta apresentada nos revela a pesca como um elemento central na cultura Sateré-Mawé, transcendendo a simples atividade de obtenção de alimento. Para este povo, a pesca é um legado ancestral, transmitido de geração em geração, que envolve não apenas técnicas e habilidades, mas também um profundo conhecimento sobre o ecossistema e uma conexão espiritual com a natureza. A confecção de ferramentas como arco e flecha, timbó e kakuri, além

de ser um ato prático, é também um ritual que fortalece os laços comunitários e preserva a identidade cultural. Os valores orais continuarão ocupando seus espaços de valorização, os sábios anciãos que carregam consigo essas sabedorias ancestrais continuarão sendo os principais vínculos com nossa história e o respeito pela figura desses homens e mulheres de sabedoria seguirão sendo exaltados.

#### 4.2. ESCOLHA DOS LUGARES E MOMENTO/HORA PARA PESCAR

Abaixo selecionou-se uma resposta que é representativa da pergunta 2 e sua tradução em Sateré-Mawé:

O melhor momento para uma boa pescaria é no tempo da vazante e sem luar. Pois, na vazante os peixes ficam mais fácil para serem capturados no rio. Nesse período são encontrados vários tipos e tamanhos de peixes no rio (Oliveira, 45 anos).

Pira kát hamo wyti waku po'og y'y hy pap turan hawyi yt waty hot'i turan. Kat pote y'y hy pap we po'og waku pira kat hamo. Mi'I turan sese pira ho'okup aikotã- aikotã rakaria ne'i.

Quando a lua sai pela primeira vez, não é bom para pescaria de nenhum peixe, porque os anciões e pescadores falam que o intestino dos peixes, principalmente os de couro, fica perto das guelras. Então os peixes ficam sem vontade de comer. É assim que os pescadores mais experientes contam (Xerente, Giraldin, 2023).

A afirmação de que o melhor momento para a pesca é durante a vazante e sem luar demonstra uma profunda conexão com os ciclos naturais e um conhecimento preciso sobre os hábitos dos peixes, adquirido através de observações minuciosas ao longo do tempo. Essa sabedoria ancestral, que se baseia na observação e na experiência, é fundamental para a sustentabilidade da pesca e para a preservação dos ecossistemas aquáticos.

#### 4.3. RITUAIS OU PRÁTICAS QUE REALIZA ANTES, DURANTE OU DEPOIS DA PESCA

Abaixo selecionou-se uma resposta que é representativa da pergunta 3 e sua tradução em Sateré-Mawé:

Apesar de eu ser indígena Sateré- Mawé, não faço nenhum ritual. Mas, faço um pedido ao “Murika” um deus espírito protetor dos peixes, para que ele me ofereça o maior possível de tipos e de quantitativas de peixes a serem pescados. E durante fico interligado com esse “Murika” (espírito dos peixes). Ao terminar a pescaria faço agradecimento a ele para que continue colaborando com a necessidade do povo sateré-mawé e ao mesmo tempo protegendo o reino dos peixes para a sua procriação (Batista, 21 anos).

Uito tapy`yia Sateré ywania pykai yt atunug`I aikotã-aikotã hap, ma`ato ahentup sa`awyite Murika pe, kat pote mi`i ti piraria ka`iwat, mi`itã pote tutum po`og piraria ahepe. Watuwepira kat turan waku aiwa tetup we yn hewowi. Waku yne turan hawyi waku wahewaku murika mowyro jum hap upi.

A resposta dada pelo comunitário demonstra uma prática espiritual interessante ligada à pesca entre os Sateré-Mawé. Embora o informante negue realizar rituais antes, durante ou após a pesca, o trecho revela uma prática espiritual profunda e significativa. A invocação de "Murika", o espírito protetor dos peixes, impõe uma crença na existência de forças sobrenaturais que influenciam a pesca e a vida em geral. A prática de pedir e agradecer pelos bens dados, demonstra um profundo respeito pela natureza e um reconhecimento da importância dos peixes para a subsistência da comunidade Sateré-Mawé. Essa conexão espiritual com o ambiente natural não se limita a um ritual formal, mas permeia todo o ato da pesca, criando uma experiência rica e significativa para os praticantes.

#### 4.4. TIPOS E DENOMINAÇÃO DOS PEIXES MAIS PESCADOS

Abaixo selecionou-se uma resposta que é representativa da pergunta 4 e sua tradução em Sateré-Mawé:

Os peixes que eu mais pesco, são: Jacundá, traíra, tucunaré, acará, pacu e aracu. Existem mais outros tipos de peixes, como: sarapó, peixe cachorro, tamuatá, sauna, piranha, jatuarana (Santos, 48 anos).

Piraria po`og uimiekyi ko`i ti menti: iakunta, pogko, pira wempog, akara, pira pe`i, hawyi waraku. Ma`ato wy toig irania`in pira ko`I mewat: urewo, wahat`I, kohõ, pira jaig hawyi pira gig.

O peixe é o recurso sustentável mais valioso explorado nos rios amazônicos pelas populações tradicionais. É importante olhar essa prática com óculos assestados, de forma a não restringir a apenas uma maneira de trazer uma proteína para alimentação diária da comunidade. Mais do que isso, envolve um ritual de captura aprendido e respeitado dentro da cosmologia dessa sociedade (Valentini; Campos, 2022). Este pescador revelou uma biodiversidade de

espécies de peixes, como o jacundá, a traíra e o tucunaré, mas também conhece e interage com uma diversidade de outras espécies aquáticas, demonstrando um bom conhecimento sobre a fauna local.

#### 4.5. ENTEDIMENTO SOBRE O POR QUÊ DOS PEIXES ESTAREM DESAPARECENDO

Abaixo selecionou-se uma resposta que é representativa da pergunta 5 e sua tradução em Sateré-Mawé:

Sim. Porque na atualidade a população indígena sateré-mawé aumentou índice populacional e ao mesmo tempo utilizamos muito nas pescarias uma planta chamada timbó e outras armas sofisticadas como: malhadeira de vários tamanhos, tarrafas, arma de fundo para pescar. E devido ao assoreamento do leito do rio Andirá, devido à erosão ao longo do rio de acordo com o desmatamento das matas e igapós da região. Outra consequência é devida maior fluxos de tráfego de embarcações de vários tipos e tamanhos.

Isso faz com que os peixes ficam escassos em nossa região do rio Andirá (Paz, 47 anos).

Mi'itã . Kat pote kora turan sateré ywania po'og typy'i i'ewyte sese uku wo terepira kat atúka mi'i pote yt kat'i piraria korã turan,

Pyno wy y'y y'kyt hewopyro te'en-te'em pote piraria te'erowepokua'i wy. Kat hap kaypyi mi'itã y'apo ypug hap kaipyi hawyi yararia sese i'atu pypap'i hakpo hap kaipyi.

A resposta fornecida retrata o declínio das populações de peixes em determinadas regiões, especificamente no rio Andirá, e aponta diversas causas para esse problema. A combinação de fatores como o aumento da demanda por pescado, o uso de práticas de pesca predatórias e a degradação ambiental está levando ao esgotamento dos recursos pesqueiros na região do rio Andirá, aponta o comunitário.

#### 4.6. TÉCNICAS TRADICIONAIS DE PESCA UTILIZADAS NA COMUNIDADE

Abaixo selecionou-se uma resposta que é representativa da pergunta 6 e sua tradução em Sateré-Mawé:

Na aldeia as técnicas mais utilizadas, são: arco e flecha, timbó e kakurí. Em particularmente como eu, uso mais arco e flecha e timbó (Batista, 37 anos).

Uhetava pe po'og miekawat pira auka hamo mewat: mory'a, uku hawayi kakuri.  
Ma'ato uito po'og ati'ekowat mory'a hawayi uku.

A pesca, realizada por estes comunitários é feita de forma tradicional, onde a conexão com a natureza e os recursos naturais é forte. O entrevistado revela que os equipamentos utilizados durante a pescaria, são:

- **Arco e flecha:** Uma técnica ancestral que envolve a utilização de um arco para lançar flechas com pontas afiadas, visando a captura de peixes.
- **Timbó:** Uma técnica que consiste em utilizar plantas específicas (timbós) para entorpecer os peixes, facilitando sua captura.
- **Kakuri:** Uma técnica menos comum, que pode variar de acordo com a região, mas geralmente envolve o uso de armadilhas ou outros dispositivos para capturar peixes

As técnicas mencionadas demonstram a adaptação do homem ao ambiente e a utilização dos recursos naturais de forma sustentável.

#### 4.7. TRANSMISSÃO DOS SABERES SOBRE A PESCA ENTRE GERAÇÕES

Abaixo selecionou-se uma resposta que é representativa da pergunta 7 e sua tradução em Sateré-Mawé:

O conhecimento tradicional sobre o uso de armas de pescas e sobre a pesca, é sempre repassado através dos pais por meio da convivência e prática da atividade pesqueira (Batista, 50 anos).

Pira kat etiat wyti misepap moherep te'en-te'en ywot'in hawayi wyriat'in puo pyi pira kat sio pyty hap ko'i.

Como pode-se verificar, a transmissão do conhecimento é feita de forma oral e prática, através da observação e da participação direta nas atividades de pesca. Os pais desempenham um papel fundamental nesse processo, atuando como mestres e exemplos para seus filhos.

As fontes orais não são meros adereços das fontes escritas, mas são informações que se complementam. Em algumas sociedades, especialmente as ágrafas, em que os repasses dos

seus costumes e tradições são transmitidos dos mais idosos para os mais novos pelo falar, fazer e observar, a oralidade ocupa um papel fundamental no aprendizado (Matos; Senna, 2011).

O conhecimento transmitido inclui tanto os aspectos técnicos da pesca (uso de ferramentas, técnicas de captura) quanto os conhecimentos sobre os ecossistemas aquáticos, os hábitos dos peixes e a relação entre os seres humanos e a natureza. Essa forma de transmissão do conhecimento reflete a importância da pesca na cultura indígena, uma atividade que une as pessoas, transmite valores e garante a sobrevivência da comunidade, sendo um processo contínuo e fundamental para a preservação da cultura e da identidade desses povos. Essa forma de aprendizado, baseada na experiência e na vivência, garante a manutenção de um saber ancestral que está profundamente ligado à natureza e ao modo de vida dessas comunidades.

#### 4.8. NOMES DAS PARTES DO CORPO DO PEIXE NO DIALETO INDÍGENA

Abaixo selecionamos uma resposta que é representativa da pergunta 8 e sua tradução em Sateré-Mawé:

Para as partes do peixe temos nome em nossa língua sateré-mawé, como: cabeça(i'akag). Cauda(huwaipype), olho(iha), nadadeiras peitorais(i'apopesap), anus(i'okpy), narinas(i'agkuat), opérculo(i'anope) e escamas(ipe) (Paz, 28 anos).

Pira set'ok ipat'ok-ipat'ok piat hap ti kotã: 'akag, iwê, iha, i'ampy ko'i, i'apopesap ko'i, huwaipype sap, i'awope haway ipe ko'i.

A comunidade sateré-mawé possui uma terminologia rica e detalhada para descrever as diversas partes do corpo de um peixe (figura 5). Essa nomenclatura demonstra um profundo conhecimento sobre a anatomia dos peixes e a importância desses animais na cultura e na vida cotidiana dessa comunidade. A resposta apresentada revela a riqueza e a complexidade da linguagem indígena, demonstrando a importância de preservar e valorizar esse patrimônio cultural. Para uma melhor visualização sobre esta nomenclatura, a tabela 1, abaixo, apresenta detalhadamente a anatomia dos peixes na língua original Sateré Mawé.

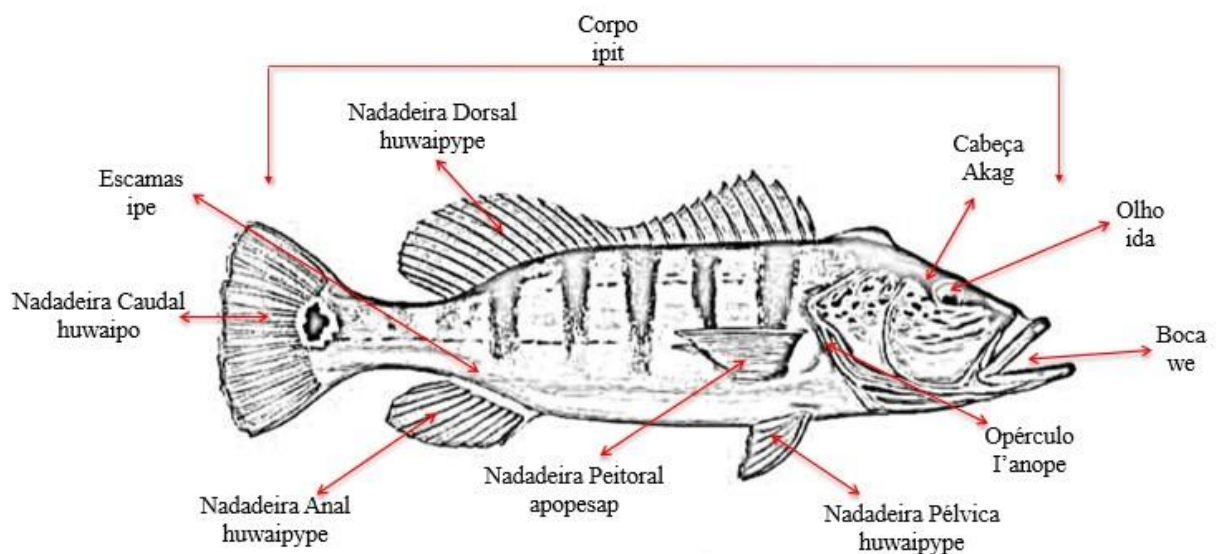
**Tabela 1:** Anatomia dos peixes traduzida para a língua Sateré Mawé.

Nome Popular/Científico	Dialeto Sateré mawé (tradução)	Pronúncia (tradução)
Cabeça	Akag	Acan-Gui
Corpo	Ipit	Ipíte
Olho	Iha	Irrá

Boca	We	Wen
Nariz	Ampy	Ambi
Nadadeiras Peitorais	Apopesap	Apopeçape
Anus	Ok'py	Ópi
Opérculo	I'anope	I-Anobe
Escama	Ipe	Ipé
Nadadeiras	Huwaipype	Ru-Ai-Pi-Pé
Calda	Huwaipo	Ru-Ai-Pó
Abdômen	Hunmy'a	Rum-Umi-Á

**Fonte:** Arquivo dos autores, 2024.

**Figura 5:** Descrição bilíngue das estruturas do *Cichla* sp. (tucunaré).



**Fonte:** Arquivo dos autores, 2024.

Diante destes resultados pode-se observar a abundância de informações obtidas durante a entrevista, além de contemplar na prática a cultura tradicional dos Sateré Mawé. A escrita passa a ser, no âmbito dessas reflexões, um elemento de afirmação da identidade, revelando novas perspectivas e reformulando papéis. É algo que colocará o indivíduo diante dos desafios de ser voz para um coletivo, embora, caracterizando sua fala através de suas particularidades, mas expondo elementos que não se confundem e que não serão apenas colocados ou expostos, serão valorizados a partir da ótica do pertencimento.

#### 4.9 PREPARO E EXECUÇÃO DA PESCA: UMA ANÁLISE DAS TÉCNICAS TRADICIONAIS

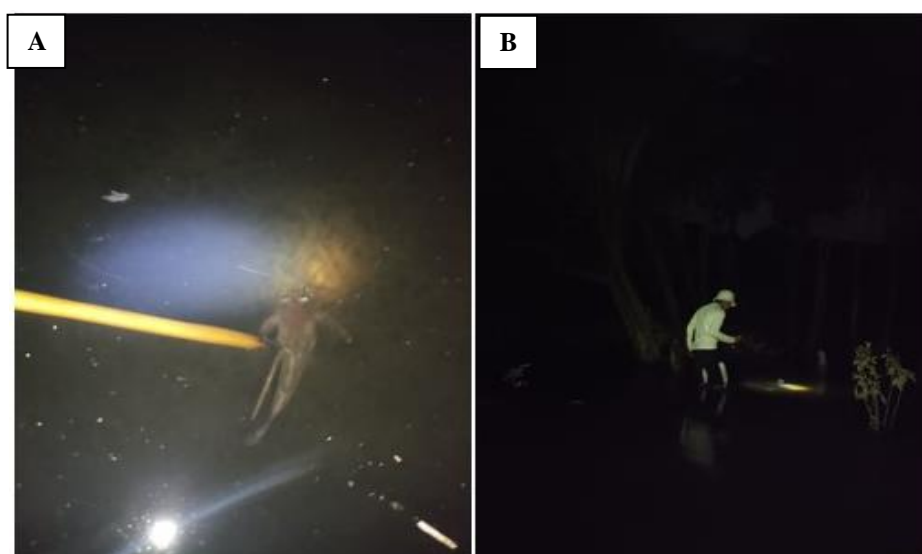
As atividades pesqueiras, em sua essência, exigem um planejamento estratégico que visa otimizar os resultados. No caso em estudo, o líder da comunidade demonstrou profundo conhecimento do ecossistema local, selecionando antecipadamente os pontos considerados mais propícios para a instalação das armadilhas. Essa etapa inicial revela a importância da experiência e do conhecimento tradicional na condução de práticas de subsistência. Na atividade analisada, observou-se a utilização de três métodos distintos: arco e flecha, timbó e kakurí.

#### 4.9.1 Arco e flecha

A pesca noturna com arco e flecha é uma técnica tradicional que explora o comportamento noturno dos peixes (figura 6). A (figura 6A) ilustra uma flecha com um peixe, simbolizando a técnica de pesca noturna com arco e flecha, a flecha é utilizada para capturar os peixes. Já a (figura 6B) mostra um rapaz se preparando para dar a flechada na pescaria noturna, destacando a habilidade e o conhecimento necessário para essa prática tradicional.

A premissa desta atividade reside no fato de que muitos peixes apresentam um comportamento pouco ativo durante a noite, o que os torna mais vulneráveis à captura. O arco e flecha é uma extensão do conhecimento ambiental, ao ser utilizado na pesca, não é apenas uma ferramenta, mas uma manifestação da integração do indígena com os ciclos naturais dos rios e lagos, reconhecendo o comportamento dos peixes e as águas em diferentes situações.

**Figura 6:** pesca com arco e flecha (A e B).



Fonte: Autora, 2024.

A eficácia desta técnica está implicitamente ligada a precisão do atirador. A pontaria precisa ser extremamente certa, uma vez que qualquer erro pode resultar na fuga dos peixes. Além disso a outros fatores que pode afetar significativamente os resultados, tais como: iluminação, altura das árvores e mobilidade do pescador, presença de predadores dentre outros.

O conhecimento multidisciplinar desses povos sobre as características biológicas, geográficas e física do local pode contribuir de forma significativa para a construção de políticas de manejo pesqueiro mais ajustadas a este público, assim como resgatar e valorizar o conhecimento de povos indígenas brasileiros (Silva; Ummus, 2017).

#### **4.9.2 Timbó**

O nome timbó serve para designar numerosas plantas pertencentes a diversas famílias botânicas, principalmente Sapindaceae e Fabaceae, as quais apresentam propriedades ictiotóxicas. É também conhecido como tingui, guaratimbó, timbosipo, timbó iurari, cururu-apé, mata-fome, entre outros (Mariani *et al.*, 2013).

Essa pescaria, consiste em cortar cipós dessas espécies em pedaços, amarrá-los, golpeá-los e colocá-los nas águas dos rios para que soltem substâncias que vão atordoar os peixes para facilitar a sua captura (Mariani *et al.*, 2013).

Esta técnica utilizada pelo povo Sateré Mawé (figura 7), é baseada no uso de substâncias tóxicas naturais presentes nas raízes de determinadas plantas. Essa técnica, embora eficaz, apresenta diversos aspectos que merecem atenção, tanto do ponto de vista técnico quanto ambiental. Apesar das controvérsias sobre o uso do timbó, inclusive previstas na Lei 9605/98 (Brasil, 1998), que versa sobre os crimes ambientais, e proíbe o uso de substâncias tóxicas para a pesca, deve-se também atentar para o Decreto Federal 6040/2007 (Brasil, 2007), que institui a Política de Desenvolvimento dos Povos e Comunidades Tradicionais, e traz um olhar mais respeitoso às práticas transmitidas pelo Etnoconhecimento.

Durante a preparação desta armadilha foi discutido a seleção do local, visando a segurança de todos, por isso chegou-se à conclusão de que o melhor local seria, de preferência, próximo e de fácil acesso.

O primeiro passo foi macerar, ou seja, golpeados com um pedaço de madeira dentro do pilão (figura 7A), visando a extração da seiva que contém o princípio ativo responsável por

entorpecer os peixes. A (figura 7B), ilustra a preparação da armadilha feita de galhos e cipós, onde a seiva extraída é aplicada. Na (figura 7C), descreve a colocação da armadilha no trecho do rio, mostrando como a substância é liberada na água e a (figura 7D), mostra a captura dos peixes após o tempo de ação da substância, que varia de 5 a 30 minutos, dependendo dos peixes e da profundidade do local.

**Figura 7:** Preparação do timbó (A e B), pesca (C) e coleta dos peixes (D).



**Fonte:** Arquivo dos autores, 2024.

A técnica com o timbó é bastante eficaz sendo capaz de capturar uma grande quantidade de peixes e outros animais, independentemente do tamanho. Porém não é uma técnica seletiva como as demais, capturando também espécies não desejadas e outros tipos de animais como cobras.

#### 4.9.3 Kakurí

O kakurí (figura 8), apesar de ser uma técnica menos comum em comparação com outras práticas de pesca tradicionais, possui características peculiares que merecem destaques. Cujas construção e funcionamento variam de acordo com a cultura e os recursos locais, consiste em uma armadilha geralmente confeccionada com materiais naturais, como cipós, bambu ou madeira. Essa armadilha é projetada para capturar peixes de diversos tamanhos, sendo posicionada em locais estratégicos, como rios, lagos e córregos.

Características da construção e uso do Kakurí:

**Tamanho:** O tamanho do kakurí pode variar, mas geralmente tem uma estrutura que pode medir entre 1 a 3 metros de altura e 0,5 a 2 metros de largura, dependendo do design e do objetivo da armadilha.

**Materiais:** É feito com materiais naturais disponíveis na região, como cipós, bambu, madeira e outros elementos vegetais.

**Horário:** a coleta pode ser realizada em diferentes horários do dia, mas frequentemente é mais eficaz durante o amanhecer ou o entardecer, quando os peixes estão mais ativos.

**Locais Estratégicos:** os kakurís são posicionados em locais estratégicos, como rios (em áreas onde a corrente é mais lenta ou em curvas do rio), lagos (em áreas rasas ou próximas a vegetação aquática) e córregos (em locais onde a água é mais calma ou em áreas de confluência).

**Funcionamento:** a armadilha é projetada para capturar peixes de diversos tamanhos, utilizando a estrutura de maneira que os peixes sejam direcionados para dentro da mesma e não consigam escapar facilmente. Essa técnica de pesca tradicional é uma manifestação da habilidade e do conhecimento das comunidades locais em relação ao ambiente aquático e aos comportamentos dos peixes.

Sobre esta técnica não há muitos relatos, pois ela é pouco utilizada pelos pescadores. A utilização combinada dessas técnicas demonstra a flexibilidade e a adaptabilidade das comunidades tradicionais aos diferentes desafios impostos pelo ambiente aquático.

**Figura 8:** Kakurí.



**Fonte:** Arquivo pessoal, 2024.

As técnicas de pesca tradicionais indígenas, como o arco e flecha, o timbó e o Kakurí, revelam uma intrincada relação entre o ser humano e o meio ambiente. Cada uma dessas técnicas possui características únicas, vantagens e desafios, moldadas pelas necessidades e conhecimentos específicos de cada comunidade. Com base nessas informações, a tabela 2, apresenta as principais características e eficácia na utilização das técnicas para pescar dos Sateré Mawé.

**Tabela 2:** Principais característica e eficácia da utilização das diferentes técnicas.

<b>Característica</b>	<b>Arco e Flecha</b>	<b>Timbó</b>	<b>Kakuri</b>
Seletividade	Alta	Baixa	Baixa
Impacto ambiental	Baixo	Alto	Médio
Risco para o pescador	Médio	Alto	Médio
Habilidade requerida	Alta	Média	Baixa

**Fonte:** Arquivo dos autores, 2024.

A tabela 2 compara três técnicas de pesca tradicionais: Arco e Flecha, Timbó e Kakuri. Cada técnica tem características únicas que a tornam mais ou menos eficaz em diferentes aspectos. O Arco e Flecha se destaca por sua alta seletividade e baixo impacto ambiental, mas requer alta habilidade e apresenta risco médio para o pescador. Já o Timbó tem baixo desempenho em seletividade e alto impacto ambiental, além de apresentar alto risco para o pescador. O Kakuri, por sua vez, tem baixa seletividade e habilidade requerida, mas apresenta risco médio e impacto ambiental moderado. Essas diferenças são resultado das características específicas de cada técnica, como a precisão do Arco e Flecha, a toxicidade do Timbó e a simplicidade do Kakuri. Cada técnica é adaptada às necessidades e contextos específicos das comunidades que as utilizam.

A escolha da técnica de pesca a ser utilizada depende de diversos fatores, como a disponibilidade de recursos, o conhecimento local, as necessidades da comunidade e as características do ambiente. É importante ressaltar que cada uma dessas técnicas possui vantagens e desvantagens, e que seu uso deve ser avaliado de forma crítica, considerando os impactos ambientais e sociais.

Estudo de Diegues (2004) destaca a importância de avaliar criticamente o uso dessas técnicas, considerando benefícios e impactos potenciais. A escolha adequada da técnica de pesca é fundamental para a conservação dos recursos naturais e a sustentabilidade das comunidades que dependem da pesca. A preservação das técnicas de pesca tradicionais é fundamental para a manutenção da biodiversidade e para a identidade cultural das comunidades indígenas. No entanto, é necessário buscar um equilíbrio entre a tradição e a necessidade de garantir a sustentabilidade dos recursos naturais. A adoção de práticas de pesca mais seletivas e menos impactantes, aliada à educação ambiental, são medidas essenciais para garantir a conservação dos ecossistemas aquáticos e a segurança alimentar das comunidades.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O povo Sateré Mawé carrega consigo tradições e preceitos que são repassados de geração para geração através da prática. Matas e rios são elementos determinantes na vida econômica, social e cultural dos povos indígenas que desenvolvem atividades focadas essencialmente na caça, pesca, coleta e no artesanato. Os recursos naturais propiciam-lhes, por seu lado, os recursos alimentares que completam a contribuição proteica da pesca, caça, frutos, insetos e os recursos tecnológicos (cipó, fibras vegetais, madeira de construção, veneno de pesca e caça e plantas medicinais etc.) importante elementos para sua sobrevivência física e cultural.

A pesquisa realizada, por meio de entrevistas e observação participante das atividades de pesca dos povos Sateré-Mawé, revelou a pesca como um elemento central não apenas para a subsistência, mas também como um pilar fundamental na preservação das crenças, tradições e rituais desse povo. A pesca, além de garantir a segurança alimentar, constitui um elo vital com a ancestralidade Sateré-Mawé. As técnicas de pesca, transmitidas de geração em geração, representam um conhecimento tradicional profundo sobre os ecossistemas aquáticos e os comportamentos dos peixes, demonstrando uma relação de interdependência entre o homem e a natureza.

A diversidade de peixes capturados e as técnicas empregadas evidenciam a adaptação dos Sateré-Mawé ao seu ambiente e a sabedoria acumulada ao longo de séculos. A pesca não se limita à obtenção de alimento, mas envolve um conjunto de saberes, práticas e significados que moldam a identidade e a cosmovisão desse povo.

Em suma, a pesquisa demonstra a importância de valorizar e preservar as práticas tradicionais de pesca dos Sateré-Mawé, reconhecendo-as como um patrimônio cultural e um saber essencial para a conservação da biodiversidade e a promoção da sustentabilidade.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. I. **Índios no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 45.
- ALMEIDA, M. W. B. Direitos à floresta e ecologia política na Amazônia brasileira. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 20, n. 59, p. 163-178, 2005.
- BEGOSSI, A. **Ecologia de pescadores da Mata Atlântica e Amazônia**. São Paulo: Hucitec, 2004, p. 87.
- BRASIL. Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998. **Dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e dá outras providências**. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19605.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19605.htm). Acesso em: 19 de novembro de 2024.
- BRASIL. Decreto Federal Nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007. **Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm). Acesso em: 19 de novembro de 2024.
- BRASIL. Decreto nº 6.861, de 27 de maio de 2009. **Dispõe sobre a Educação Escolar Indígena, define sua organização em territórios etnoeducacionais, e dá outras providências**. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/decreto/d6861.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6861.htm). Acesso em: 19 de novembro de 2024.
- DIEGUES, A. C. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Hucitec, 1996, p. 123.
- DIEGUES, A. C. **A mudança como modelo cultural: O caso da cultura caiçara e a urbanização**. In: DIEGUES, A. C. (Org.). *Enciclopédia Caiçara: O olhar do pesquisador*. Vol. I. São Paulo: HUCITEC- NUPAUB-CEC/USP, 2004, 382p.
- FORMIGA, N. S.; SOARES, G. Á. M.; SANTOS, A. J. P.; ALMEIDA, L. A. L. Cultura organizacional, percepção do suporte e gestão do conhecimento em trabalhadores brasileiros. **ReCaPe – Revista de Carreiras e Pessoas**, v. 14, n. 3, p. 360-364, 2024. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/ReCaPe/article/view/60526>. Acesso em: 25 fev. 2025.
- GARNICA, A. V. M. Some notes on qualitative research and phenomenology. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v.1, n.1, 1997. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S1414-32831997000200008>. Acesso em: 25 fev. 2025.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, 5. Ed. Atlas, 2010.

- GOMES, N. L. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por justiça**. Petrópolis: Vozes, 2017, p. 56.
- KARAM, J. **O Império do Brasil e a Guerra do Paraguai**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2010, p. 112.
- LARAIA, R. B. **Cultura: um conceito antropológico**. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge "Zahar Ed., 2001.
- MARIANI, S. D. J.; GUTERRES, A. R.; TOSIN, A. J.; OLIVEIRA, L. M. In: **I Congresso Internacional e III Simpósio Jurídico da Ajes – 25 anos de Constituição Cidadã e 65 anos de Declaração Universal dos Direitos Humanos: uma pausa para reflexões**. 2013.
- MARTINS, A. C. **Formação continuada do professor não indígena que atua em escolas indígenas: uma revisão sistemática de Teses e Dissertações nos períodos de 2011 – 2021**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus (AM), 2024. 119 f. Disponível em <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/10392>. Acesso 25 fev. 2025.
- MATOS, J. S.; SENNA, A. K. História oral como fonte: problemas e métodos. **Historiæ**, v. 2, n. 1, p. 95–108, 2011. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/2395>. Acesso em: 3 jun. 2025.
- MENDONÇA, S. A. T.; VALENCIO, N. F. L. S. O papel da modernidade no rompimento da tradição: as políticas da SEAP como dissolução do modo de vida da pesca artesanal. **B. Inst. Pesca**, São Paulo, 2008
- MINAYO, M. C. S. (Org.). **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Hucitec, 2014. 408 p.
- MIRANDA, M. L. C. A organização do etnoconhecimento: a representação do conhecimento afrodescendente em religião na CDD. **Revista África e Africanidades** - Ano I - n. 4 – Fev. 2009.
- NEVES, E. G.; PETRUSO, K. M. **Arqueologia da Amazônia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- OLIVEIRA, C. L. Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: Tipos, Técnicas E Características. **Travessias**: 2008.

PANTOJA, et al. Percepção de impactos sobre a pesca artesanal: caminhos para o manejo dos recursos pesqueiros do Amapá, Brasil. **Ethnoscientia**, v.6 n. 1, 2021. DOI: 10.22276/ethnoscientia.v6i1.355

PEREIRA, N. **Os índios Maués**. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 2003. 176 p.

PEREIRA, R.; TOMASI, T.; FLORIANI, N.; FLORIANI, D. **Etnoconhecimentos, saberes e práticas em comunidades tradicionais paranaenses: abordagens teórico-metodológicas**. – 1. ed. – Santo Augusto: Editora Panaro, 2021.

RIBEIRO, D. **O Povo Brasileiro**. São Paulo: Companhia de Letras, 1995.

RODRIGUES, G.; PEREIRA, L. M. P. A diversidade cultural dos povos indígenas do Brasil. In: **X EPCC - Encontro Internacional de Produção Científica**, 24 a 26 de outubro de 2017.

SANTOS, G. M.; SANTOS, A. C. M. Sustentabilidade da pesca na Amazônia. **Estudos Avançados**, 2005

SCHWARCZ, L. M. **Brasil: Uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 30.

SILVA, A. P.; UMMUS, M. E. **A pesca com arco e flecha e o conhecimento tradicional indígena na ilha do bananal**. XII Reunião Científica do Instituto de Pesca. Rio Araguaia, Tocantins, 2017.

SOUZA, A. H. C.; LIMA, A. M. A.; MELLO, M. A. A.; OLIVEIRA, E. R. A relação dos indígenas com a natureza como contribuição a sustentabilidade ambiental: Uma revisão da literatura. **Revista em destaques acadêmicos**. 2015.

SOUZA, A. T. F.; et al. **Etnoconhecimento sobre os crustáceos decapodos dos Sateré Mawé do Andirá-Barreirinha AM**. 2022.

SOUZA, J. S.; SANTOS, C. F.; SANTOS, I. A. Culturas infantis, cultura digital e consumo: perspectivas atuais. **Revista Prâxis**, v. 1, p. 170–193, 2024. Disponível em: <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistapraxis/article/view/3469>. Acesso em: 25 fev. 2025.

SOUZA, M. V. Povos Indígenas e Direitos Humanos: Desafios e Perspectivas. **Revista Direito e Práxis**, v. 10, n. 2, p. 789-815, 2019.

TASTEVIN, C. O peixe símbolo de fecundidade ou de fertilidade entre os índios da América do Sul. In: FAULHABER, P.; MONSERRAT, R. (orgs.). **Tastevin e a etnografia indígena**.

Coletânea de traduções de textos produzidos em Tefé (AM). Séries Monografias. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 2008h, p.120-136.

VALENTINI, C. M. A.; CAMPOS, A. F. S. O uso do etnoconhecimento da pesca com o timbó em um contexto escolar da etnia Alantesu, no Vale do Guaporé, Mato Grosso. 117-129. In: **Revista de Comunicação Científica**. vol. I. n 10, 2022.

XERENTE, A. C.; GIRALDIN, O. A influência da Lua nas vivências e nas interpretações culturais a partir do olhar Akw?/Xerente. **Ilha Revista de Antropologia**, v. 25, n. 2, p. 130–144, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/85899>. Acesso em: 3 jun. 2025.

**ANEXO 01**  
**QUESTIONÁRIO**

Sexo:

Idade:

- 1) Quais são as histórias ou tradições que você aprendeu sobre a pesca quando era mais jovem?
- 2) Como você decide os melhores lugares e os melhores momento/hora para pescar, com base no seu conhecimento tradicional?
- 3) Quais são os rituais ou práticas que você realiza antes, durante ou depois da pesca?
- 4) Como são chamados os peixes que você mais pesca? Existe mais de um tipo?
- 5) Estes peixes estão desaparecendo por quê?
- 6) Quais são técnicas tradicionais de pesca utilizadas na comunidade?
- 7) Como os saberes indígenas sobre a pesca são transmitidos entre gerações na sua concepção?
- 8) Como são dados nomes específicos para as partes do corpo do peixe no dialeto indígena? Como cabeça, cauda, olho etc.

## ANEXO 02

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS  
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, \_\_\_\_\_, com idade de \_\_\_\_\_ anos, estou sendo convidado a participar do Trabalho de Conclusão de Curso cujo objetivo é "Caracterizar o Etnoconhecimento sobre a pesca na comunidade Simão Sateré Mawé, área indígena do município de Barreirinha, Amazonas", o qual faz parte da TCC com o título ETNOCONHECIMENTO SOBRE A PESCA NA COMUNIDADE SIMÃO, SATERÉ MAWÉ, ÁREA INDÍGENA DO MUNICÍPIO DE BARREIRINHA, AMAZONAS da aluna Debora Prata da Paz do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, Centro Estudos Superiores Parintins, Universidade do Estado do Amazonas.

A minha participação no referido estudo será no sentido de responder a um questionário com perguntas referentes a meu conhecimento sobre o tema do projeto de TCC da acadêmica. Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, me identificar, será mantido em sigilo. É garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências.

Enfim, tendo sido orientado quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

Parintins, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do sujeito da pesquisa



Centro de Estudos Superiores de Parintins  
Estrada Odovaldo Novo, S/N - Djarde Vieira  
CEP: 69125-470 / Parintins - AM



## ANEXO 03

Ofício S/N – CESP/UEA – 2024 -Curso de Ciências Biológicas

Parintins, 31 de julho de 2024.

DE: Prof. Dr. Adailton Moreira da Silva - Professor e orientador de TCC do Curso de Ciências Biológicas- CESP/UEA- amdsilva@uea.edu.br

PARA:

Sr. Lorimar da Paz- Tu'isá da comunidade Simão, área indígena do município de Barreirinha, estado do Amazonas.

Sra. Nilda Da Costa Paz- Gestora da escola municipal Marechal Cândido Rondon da comunidade Simão, área indígena do município de Barreirinha, estado do Amazonas.

ASSUNTO: Solicitação de autorização para coleta de dados para o TCC da acadêmica Debora Prata da Paz do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do CESP/UEA.

Devido à necessidade de realizar ao tema 'ETNOCONHECIMENTO SOBRE A PESCA NA COMUNIDADE SIMÃO, SATERÉ MAWÉ, ÁREA INDÍGENA DO MUNICÍPIO DE BARREIRINHA, AMAZONAS' para o Trabalho de Conclusão de Curso da acadêmica Debora Prata da Paz, curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, sob minha orientação, venho por meio deste solicitar autorização para que a mesma possa executar seu estudo através de observação *in loco*, entrevista/aplicação de questionário (em anexo), assim como, registro fotográfico. Também solicito que nos forneça dados em documentos, se possível, sobre a comunidade, sua origem, sua população e seus aspectos sociais relacionados a pesca. Reitero que estes dados são somente para a pesquisa acadêmica do TCC da referida aluna e que não haverá ônus e nem retorno financeiro para a comunidade. A privacidade dos sujeitos será respeitada, ou seja, o nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma os identificar, será mantido em sigilo. Bem como, é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo. Ao nos autorizar, após compreender a natureza e o objetivo deste estudo, estará manifestando o livre consentimento em participar com total ciência de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, pela participação. Desde já agradeço por sua colaboração.

Atenciosamente,



Prof. Dr. Adailton Moreira da Silva  
Professor do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas – CESP/UEA  
Coordenador do Laboratório do Núcleo de Pesquisa e Biologia Aquática – LNPBIO  
Cel 092 991759689 email amdsilva@uea.edu.br

Recebido em  
06-08-2024  
Nilda da Costa Paz

LORIMAR DA PAZ

De acordo/autorização:

Assinatura: \_\_\_\_\_



Centro de Estudos Superiores de Parintins  
Estrada Odovaldo Novo, S/N - Djarde Vieira  
CEP: 69.125-470 / Parintins - AM

